

## PRÁTICAS DEVOCIONAIS

### CAPÍTULO 4 – PRÁTICA DA CONFISSÃO – 1ª PARTE

**O que é a prática da confissão?** É a arte de nos apresentar constantemente diante de Deus para nos declararmos culpados de pecados pessoais e específicos, depois de suficientemente alertados e repreendidos pela boa consciência, pela Palavra de Deus e pelo Espírito Santo, como o propósito de obter perdão e purificação, mediante a obra vicária de Jesus Cristo.

Como você tem lidado com o pecado em sua vida? Que lugar a confissão de pecados ocupa em seu dia a dia?

A confissão de pecado é uma providência que só é possível pela misericórdia de Deus e tem como objetivo sanar as fraquezas cometidas ao longo da caminhada cristã.

O que a confissão verdadeira faz? Ela remove a crise provocada pelo pecado e restaura a comunhão perdida ou arranhada. Por meio da contínua confissão de qualquer transgressão e de qualquer omissão é perfeitamente possível manter a higiene da alma.

Em 1Jo.2.1-2, nós lemos: *(1) Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo; (2) e ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro.* Aprendemos nessas palavras que não é necessário desistir de tudo depois do pecado, pois *“temos um advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo”*. Aprendemos também que a possibilidade da confissão existe, pela graça de Deus, pois: a) somos pecadores, ou seja, constantemente erramos o alvo; b) o Senhor Jesus é totalmente capaz de fazer propiciação pelos nossos pecados.

Provavelmente, o texto mais encorajador para a prática da confissão é 1Jo.1.9. Devemos compreender, memorizar e nos apropriar das verdades ensinadas nessa passagem. Temos aqui uma dupla promessa: a promessa do perdão e a promessa da purificação. Quando cremos naquele que fez essa promessa e fazemos essa confissão devidamente, podemos nos levantar dessa oração na certeza de que alcançamos ambas as bênçãos. É importante lembrarmos que a comprovação da eficácia da confissão não depende das emoções, mas da certeza de que quem fez a promessa de perdão e purificação *“é fiel e justo”* e *“não pode mentir”* (Tt.1.2).

Quando lemos o Salmo 32.1, aprendemos que poucas coisas provocam tanto bem-estar como a prática da confissão. Ao mesmo tempo, devemos nos lembrar que a confissão remove a culpa a sujeira moral, mas não remove as consequências naturais do pecado, embora possa aliviá-las.

Quando refletimos sobre a dinâmica da confissão de pecados, notamos que algumas pessoas têm dificuldade de confessar. Alguns não sabem exatamente o

que declarar diante de Deus. Baseados no fato que de a confissão deve ser feita de forma precisa e consciente, lembremos alguns princípios que devem nortear nossa prática da confissão:

- **Confesse o pecado cometido:** Deus exige que você confesse aquilo que pecou (Lv.5.5). Cite o pecado pelo seu nome certo. Inveja? Maledicência? Dificuldade em perdoar? Fofoca? Palavra impiedosa? Irritação? Indelicadeza? Egoísmo? Soberba? Orgulho? Mentira? Lascívia? Falta de amor? Roubo? Profanação do nome de Deus? Mau trato dispensado ao cônjuge? Acepção de pessoas? Incredulidade? Seja qual for, declare seu pecado, desobediência e culpa.

- **Confesse a pecaminosidade latente:** Mesmo que você não tenha chegado ao ponto de satisfazer a vontade de pecar, é justo que você lamente diante de Deus o potencial pecaminoso de que é portador. Isso é necessário, pois, a própria vontade de mentir, de roubar, de adular, de aparecer, de roubar, de difamar, entre outras, é sinal de decadência e de pecado. Nesse caso, confessamos, não o pecado cometido, mas o pecado desejado. Esse tipo de confissão é saudável, pois revela que você tem consciência pessoal da queda, da vulnerabilidade e da necessidade do auxílio do alto. Alguns exemplos de pecaminosidade latente: Sl.44.15; Sl.51.3; Rm.7.18.

- **Confesse o seu envolvimento com a estrutura pecaminosa deste mundo e com o pecado dos outros:** Certas atitudes nossas podem provocar o pecado alheio e vice-versa, muito mais frequentemente do que pensamos. Infelizmente, é fácil ser *“cúmplice de pecados de outrem”* (1Tm.5.22). Os pais podem irritar os filhos, o marido bruto e egoísta pode levar à infidelidade da esposa, patrões insensíveis podem causar desânimo e rebeldia aos trabalhadores, governos injustos podem provocar desobediência civil e anarquia. Tornamo-nos cúmplices de pecados alheios quando nos silenciamos e deixamos o barco correr e ainda quando escondemos e protegemos os culpados. Texto: Is.6.5.

- **Confesse as faltas que lhe são ocultas:** Assim como há pecados que são facilmente identificáveis, há outros que não. Há pecados tão corriqueiros, costumeiros e generalizados que não são discernidos de modo fácil e imediato. No Salmo 19.12, o salmista sabia que pecava de forma consciente e inconsciente (por ignorância dos requisitos de Deus ou simplesmente por esquecimento) e, por isso, orou para que Deus o protegesse contra ambas as faltas<sup>1</sup>. Juntamente com a confissão, devemos suplicar assim como o salmista suplicou no conhecido Salmo 139.23.24: *“Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau, e guia-me pelo caminho eterno”*.

Na próxima parte desse estudo, refletiremos acerca das formas de confissão e dos obstáculos que se colocam no caminho da prática da confissão.

---

<sup>1</sup> Nota explicativa da Bíblia de Genebra, p.701.